

CANAIS DE COMERCIALIZAÇÃO DA BORRACHA NATURAL NA BAHIA

Andréa da Silva Gomes, John Leno Castro dos Santos, Mônica de Moura Pires, Moema Badaró Cartibani Midlej, Patrícia Lopes Rosado, Danilo Teles de Britto Bispo, Geovânia Silva de Sousa

UESC/DCEC - Rodovia Ilhéus-Itabuna, Km 16, Salobrinho, 45662-900 - Ilheus, Bahia, Brasil;
asgomesbr@yahoo.com.br; mpries@uesc.br; moema@uesc.br

O aumento da demanda por borracha natural no Brasil, nas últimas décadas, tem propiciado o dinamismo da heveicultura nacional. Mesmo assim, há um déficit de oferta interna, implicando em importações para atender ao mercado doméstico. Dentre os principais produtores nacionais a Bahia ocupa a segunda posição. Partindo-se da relevância desse estado, objetiva-se analisar o mercado de borracha natural no Estado da Bahia ressaltando os aspectos relativos aos canais de comercialização e à estrutura de mercado. Adotou-se pesquisa de campo nos pólos produtores de Una, Ituberá, e Ilhéus, que representam as principais regiões produtoras do estado, a fim de obter informações a respeito da produção e comercialização do produto em estudo. Pode-se constatar que enquanto o mercado produtor possui elevado número de produtores, a comercialização do látex coagulado é feita por um número reduzido de intermediários e duas indústrias realizam o processamento desse látex, caracterizando-se em uma estrutura de mercado oligopsonista.

Palavras-chave: seringueira, produção, estrutura de mercado.

Natural rubber marketing channels in Bahia. The growth of the demand for natural rubber in Brazil, in the last decades, has proposed the dynamism of the national rubber tree culture. Even so, there is a deficit on the internal supply, generating importations to answer the internal market. Among the main national producers, Bahia is at the second position. From the importance of this state, the objective is to analyse the market. It was adopted the field research on the production polo of Una, Ituberá and Ilhéus, that pose the main producer regions of the state, in order to get information about the production and trade of the product of this study. It's possible to say that while the producer market has a high number of producers, the commercialization of the coagulated rubber is done by intermediaries, and two industries realize the processing of this rubber, characterizing itself into a structure of the oligopsonist market.

Key words: rubber tree, production, market structure.

Introdução

A seringueira é uma planta pertencente ao gênero *Hevea* (família das euforbiáceas), sendo a espécie *Hevea brasiliensis* a mais explorada economicamente, em função da produtividade e qualidade de látex.

A borracha natural é um produto de grande aplicabilidade na indústria pesada como a de pneumáticos para caminhões e aviões, condutores elétricos, correias transportadoras, etc. e também na indústria de artefatos como a de calçados, indústria farmacêutica, de brinquedos e de vestuários.

Em nível mundial, a produção de borracha natural vem crescendo nas últimas décadas. Na década de 1970, a produção média anual foi de 3,37 milhões toneladas, passando para 4,33 e 6,09 milhões de toneladas nas décadas de 1980 e 1990, respectivamente. Dados preliminares da FAO (2010) mostram que a produção em 2009, atingiu 10,28 milhões toneladas. Esses valores mostram a expansão da cultura ao longo do tempo, implicando em uma produção atual quase 3 vezes superior a observada nos anos de 1970.

Em termos de configuração espacial da produção, observa-se um reposicionamento entre os países do sudeste asiático nas últimas décadas. Em 1961, a Malásia, era o maior produtor (37%) seguido pela Indonésia (33%), enquanto que a Tailândia respondia por 8,8% da produção mundial. Atualmente esse país passou a ocupar a primeira posição no mercado produtor de borracha natural (30%), seguido pela Indonésia (28%), Malásia (10%) e Índia (8%). No contexto mundial, a participação brasileira é pouco expressiva, representando cerca de 1% do total produzido mundialmente em 2008 (FAO, 2010). Essa dinâmica da produção mundial deve-se, principalmente, pelo crescimento do rendimento físico da planta nas últimas décadas em função do melhoramento genético.

Domesticamente, a produção brasileira de borracha vegetal não consegue suprir a demanda, pois atende aproximadamente 40% do consumo interno, levando o país a importar. Esse déficit de oferta faz com que o mercado brasileiro seja vulnerável às variações de preço que ocorrem no mercado internacional.

No Brasil, a produção de 201 mil toneladas de látex coagulado no ano de 2008 estava dispersa, nos estados de São Paulo (111 mil toneladas), Mato Grosso (27 mil toneladas) e Bahia (26 mil toneladas) (IBGE, 2010). A

produção desses três estados correspondeu a quase 82% do total nacional em 2008.

A relevância do Estado da Bahia na atividade hevécola pode ser observada tanto pelo seu pioneirismo quanto produtor de borracha proveniente de seringais cultivados, como pelo crescimento da produção ao longo das últimas décadas. A dinâmica do setor produtivo é caracterizada tanto por unidades de produção familiar como empresariais.

Este trabalho objetiva analisar o mercado baiano de borracha natural ressaltando os aspectos relacionados aos canais e fluxos de comercialização. A partir dessas análises espera-se compreender a dinâmica desse setor e auxiliar na estruturação de políticas setoriais que permitam atingir maior nível de eficiência ao longo de toda a cadeia produtiva.

Material e Métodos

A análise do mercado e da comercialização da borracha natural na Bahia foi realizada a partir de pesquisa de campo, por meio de entrevistas diretas com produtores, trabalhadores rurais, agentes intermediários e gerentes da indústria de beneficiamento, nos meses de novembro de 2007 e maio de 2008 nos municípios de Ituberá, Una e Ilhéus, Bahia. Essas regiões foram escolhidas pelas diferenças regionais observadas em relação à produção, tipologia dos produtores, características das unidades de produção e do mercado.

Os dados utilizados para análise foram de fontes primárias e secundárias. As informações primárias foram obtidas por meio de pesquisa de campo através de amostragem intencional e não probabilística, os secundários foram coletados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), da Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC) e Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO).

A partir dos dados primários realizou-se a estruturação dos canais e fluxos de comercialização a fim de dimensionar o mercado, identificar o grau de intermediação e competição do produto. Tomou-se como referência para esta análise Brandt (1980) e Hoffman et al. (1987).

A Heveicultura na Bahia

Os primeiros cultivos na Bahia datam do início do século XX, porém, a produção era descontínua e em escala experimental no Recôncavo e no Sul da Bahia, isso ocorria porque os preços eram pouco remuneradores. A fim de estimular a produção baiana, o governo implementou medidas de incentivo, como garantia de 50% de desconto na compra de terras pertencentes ao Estado e isenção de taxas de exportação (Dean, 1989). No entanto, somente a partir dos anos de 1950, a heveicultura se consolida como atividade econômica, com forte estímulo governamental, tanto no âmbito de políticas públicas setoriais como na pesquisa científica.

Porém na década de 1960, a produção baiana diminui resultante da incidência dos fungos *Microcyllus ulei* e *Phytophthora infestans* nos plantios, causadores das doenças conhecidas como mal-das-folhas e da requeima, respectivamente. Os controles dessas infecções propiciaram incremento na produção baiana nas duas décadas seguintes, o que implicou no aumento da participação relativa estadual no panorama nacional, tornando-o o maior produtor doméstico de borracha.

No entanto, a partir de 1990 até meados de 1993, os preços recebidos pelos produtores declinaram abruptamente em face da conjuntura econômica mundial de depressão de preços de *commodities* (Figura 1). Porém, a partir dos anos 2000 os preços se estabilizaram em torno de R\$ 1,66/kg e, mesmo assim,

esse comportamento não se refletiu no curto prazo sobre a produção, pois ao longo de 1990 a 2006 houve um crescimento anual de aproximadamente 12% para o Brasil e 7% para a Bahia. Isso mostra, em certa medida, que o tempo de resposta da produção a preços declinantes é relativamente longo, frente a uma oferta interna insuficiente para atender a demanda doméstica, bem como pela própria característica de inelasticidade da oferta.

As flutuações de preço indicam vulnerabilidade da atividade, pois a resposta que o produtor dará ao longo do tempo reflete diretamente na produção e produtividade dos plantios. Em algumas situações poderão resultar em abandono de determinadas técnicas e manejo e podem até mesmo levar ao abandono dos seringais à medida que os preços se tornem pouco compensadores para se reinvestir na atividade. O que se percebe, porém, é que os Programas dos governos federal e estadual (Criação da Superintendência da Borracha (SUDHEVEA) em 1967, o Programa Nacional de Desenvolvimento da Borracha (PROBOR) I, II e III, nos anos 1972, 1977 e 1982, respectivamente. Em 1976 criou-se o Centro de Pesquisa de Seringueira e Dendê (CNPSD/EMBRAPA) que passou a coordenar a pesquisa em diversos órgãos dentre os quais o Centro de Pesquisa Agropecuária dp Trópico Úmido (CPATU), Faculdade de Ciências Agrárias do Pará (FCAP) e o Centro de Pesquisas do Cacau (CEPEC/CEPLAC). Em 1980 é lançado o Programa Nacional de Pesquisa da Seringueira sob a coordenação do CNPSD/EMBRAPA), nos últimos 20 anos, sinalizam um efeito positivo sobre a produção (Figura 2), muito embora se perceba certo desestímulo nos últimos dois anos.

A produção ao longo do tempo cresce resultante principalmente da expansão da área (Figura 3). No entanto, há expansão da produtividade a partir de 2000 quando chega a atingir níveis superiores a 981 kg/ha em 2005, mesmo assim abaixo da média dos países asiáticos, em torno de 1.800 kg/ha. Essa menor produtividade baiana é resultante da utilização de material genético de baixa produtividade e com pouca resistência às patologias existentes provenientes de plantios antigos, em grande parte da área tradicional especialmente, nas regiões de Una e Ilhéus. Essa conjuntura de fatores aponta para uma reestruturação da atividade a fim de se consolidar no mercado, como implantação de novas áreas no Extremo Sul do Estado.

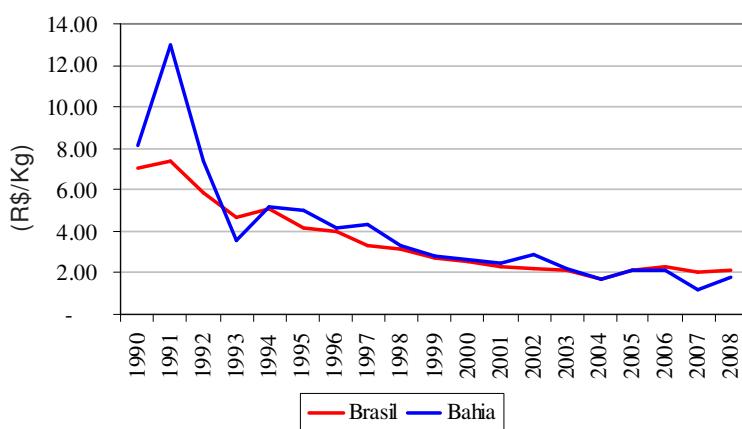


Figura 1 - Evolução do preço recebido pelo produtor de borracha natural (látex coagulado), Brasil e Bahia, 1990 a 2008.

Fonte: Elaborada a partir de dados do IBGE (2010).

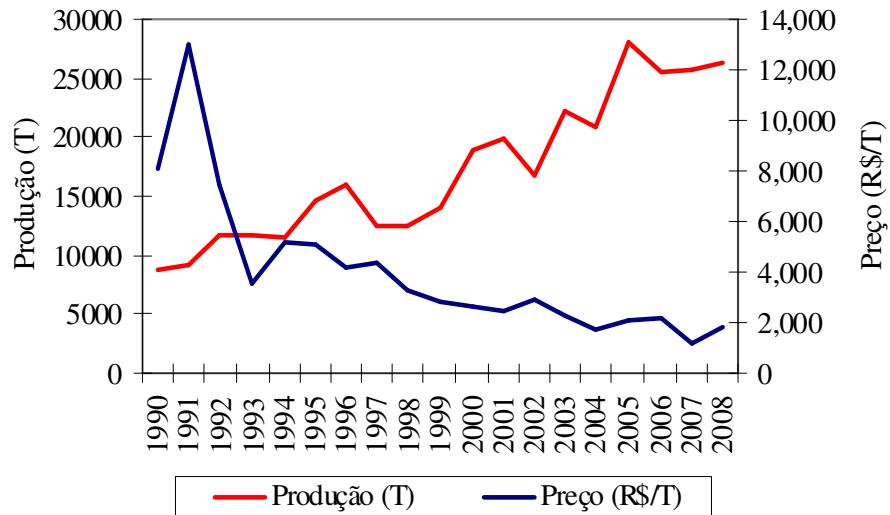


Figura 2 - Evolução do preço e produção de borracha natural, Bahia, 1990 a 2008.

Fonte: IBGE (2010).

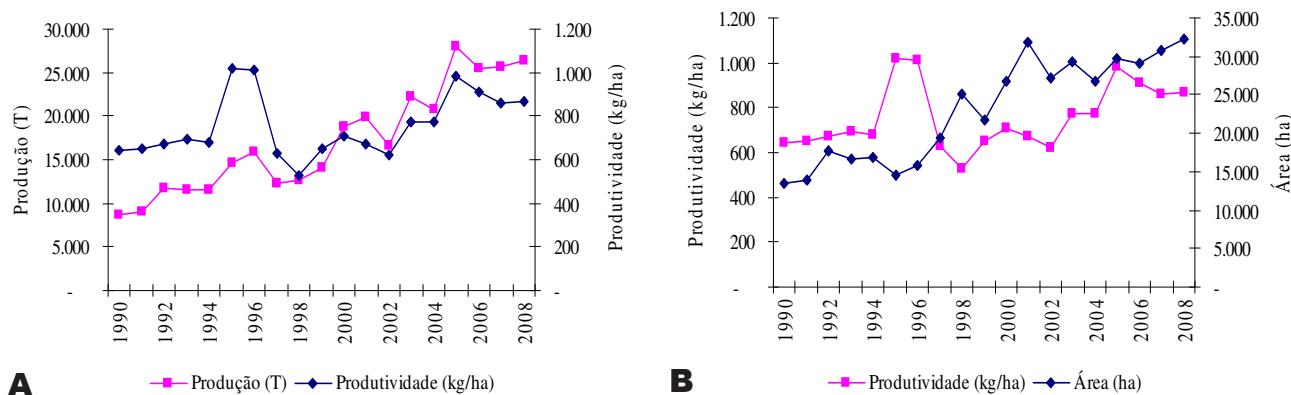


Figura 3 – Comportamento da produção e produtividade (a), produtividade e área plantada (b) de borracha natural (látex coagulado), Bahia, 1990 a 2008.

Fonte: IBGE (2010).

Do ponto de vista da distribuição espacial da heveicultura na Bahia esta se encontra em áreas remanescentes da Mata Atlântica, Regiões Litoral Sul e Extremo Sul. Tradicionalmente, a heveicultura iniciou-se na Região Litoral Sul em torno do município de Una e, posteriormente foi incorporando novas áreas como o município de Ituberá que, se tornou o maior produtor do Estado.

Com o zoneamento feito pela SUDHEVEA (BAHIA, 1982) para a Bahia foram definidas quatro sub-regiões denominadas de Polos: polo 1 - Ituberá (Camamu,

Gandu, Ituberá, Nilo Peçanha, Taperoá, Valença, Wenceslau Guimarães, polo 2 - Ilhéus/Centro (Camacan, Coaraci, Floresta Azul, Ibicaraí, Ilhéus, Itabuna, Itacaré, Itapé, Itapebi, Itororó, Maraú, Mascote, Ubaitaba e Uruçuca), polo 3 - Una (Buerarema, Canavieiras, Itajuípe e Una) e polo 4 - Porto Seguro (Itamaraju, Pau Brasil e Porto Seguro), que agregam os principais municípios produtores. Verifica-se que na Bahia, a produção de borracha natural apresenta taxa de crescimento de 6,35% a.a. no período de 1990 a 2008, sendo os polos com maior crescimento o de Una e Porto Seguro (Tabela 1).

Tabela 1 - Produção de borracha natural (látex coagulado) em toneladas da Bahia e dos polos produtores, 1990 a 2008

Ano	Bahia (A)	Polo 1 (B)	B/A %	Polo 2 (C)	C/A %	Polo 3 (D)	D/A %	Polo 4 (E)	E/A %
1990	8.743	3.492	40%	1.181	14%	329	4%	-	0%
1991	9.113	3.761	41%	1.170	13%	325	4%	-	0%
1992	11.802	4.992	42%	1.527	13%	355	3%	-	0%
1993	11.562	5.014	43%	1.506	13%	25	0%	9	0%
1994	11.490	5.098	44%	1.222	11%	33	0%	16	0%
1995	14.613	7.299	50%	1.096	8%	37	0%	20	0%
1996	15.931	7.822	49%	1.075	7%	37	0%	20	0%
1997	12.325	5.259	43%	1.458	12%	501	4%	415	3%
1998	12.573	3.371	27%	1.127	9%	1.374	11%	1.444	11%
1999	14.157	3.462	24%	1.304	9%	1.361	10%	1.457	10%
2000	18.810	6.176	33%	1.979	11%	1.370	7%	1.837	10%
2001	19.864	8.382	42%	1.947	10%	1.360	7%	1.246	6%
2002	16.715	2.961	18%	1.900	11%	3.110	19%	1.262	8%
2003	22.259	8.606	39%	1.876	8%	3.030	14%	1.234	6%
2004	20.780	8.090	39%	1.900	9%	2.875	14%	1.236	6%
2005	28.044	9.179	33%	1.956	7%	3.408	12%	1.756	6%
2006	25.517	10.210	40%	2.695	11%	2.944	12%	1.774	7%
2007	25.684	10.297	40%	2.485	10%	3.235	13%	1.774	7%
2008	26.341	10.502	40%	2.745	10%	3.408	13%	1.680	6%
TGC (%)	6,35	5,07		4,73		27,61		41,34	

Polo 1 - Ituberá, Polo 2 - Centro (Ilhéus), Polo 3 - Una e Polo 4 - Porto Seguro. Todas as taxas de crescimento são significativas a 5%.

Fonte: Adaptado do IBGE (2010).

Na Bahia, em 2008 quatro municípios dominavam 70% da produção (Igrapiúna com 27,25%, Ituberá, 21,18%, Una, 13% e Camamu, 10%. Outros municípios como Porto Seguro, Ilhéus, Valença, Nilo Peçanha e Maraú produziram quase 20% do látex baiano (IBGE, 2010).

Quanto à dinâmica de produção desses polos observam-se relevantes diferenças, especialmente no que se refere à estrutura fundiária, produção, produtividade e longevidade da cultura. O polo Una, é o mais antigo e tradicional dentre as regiões heveícolas da Bahia, estrutura-se majoritariamente em pequenas e médias propriedades. Nessa área tem-se o material botânico mais suscetível a doenças e pragas e os menores níveis de produtividade do estado. No entanto, observa-se um crescimento da produção ao longo do tempo em torno de 28% a.a (Tabela 1). No entanto, nesse polo se observam os menores índices de produtividade (Tabela 2).

Por se tratar de uma região com grande número de pequenos produtores, geralmente verifica-se maior

diversificação agrícola, tendo em vista que estes são mais resistentes à monocultura, para não comprometer o pouco capital disponível. Além disso, há forte presença de consorciamento de seringais com outros cultivos especialmente cacau e relativo equilíbrio entre as culturas em termos de ocupação de área.

Em termos da força de trabalho, predomina o sistema de parceria na seringueira (Regulamentado pela Lei 004.504 do Estatuto da Terra de 1964). Nessa região, esse sistema vem sendo adotado informalmente e consiste em dividir entre as partes metade dos frutos provenientes da atividade. Em Una, nas pequenas e médias propriedades, predomina o sistema de parceria agrícola na seringueira. Nota-se, também, que o sistema empregado pode gerar sérios problemas quanto à sustentabilidade dos seringais no médio e longo prazo. Pois, a busca por maior produtividade e, consequentemente, rentabilidade dos plantios faz com que o trabalhador-parceiro realize profundos cortes na árvore, o que provoca a exaustão mais rápida da planta. Assim, em cenários de preços poucos compensadores

Tabela 2 - Produtividade de borracha natural (látex coagulado) em kg/ha da Bahia e dos polos produtores, 1990 a 2008

Ano	Bahia	Polo			
		Ituberá	Ilhéus	Una	Porto Seguro
1990	646	440	508	204	-
1991	650	440	488	179	-
1992	669	440	507	179	-
1993	691	439	479	104	200
1994	682	526	386	103	267
1995	1.017	811	374	105	267
1996	1.014	936	370	105	267
1997	632	589	360	140	378
1998	528	479	249	164	480
1999	652	857	221	148	498
2000	706	871	291	246	758
2001	673	903	310	246	602
2002	620	663	272	325	735
2003	771	783	244	353	502
2004	777	856	240	238	518
2005	981	886	326	450	543
2006	912	964	1.202	975	568
2007	860	964	341	250	552
2008	869	960	357	375	402
Média (1990/2008)	755	727	396	257	471

Fonte: IBGE (2010).

no mercado, os manejos tendem a ser inadequados, o que implica diretamente em menor rentabilidade para o produtor e rotatividade da mão-de-obra nas unidades de produção, forçando os “parceiros” a maiores níveis de produção exaurindo em pouco tempo a resposta dos plantios.

O Polo Ituberá é o mais importante tanto sob o aspecto da participação na produção estadual como da incorporação de novas tecnologias nos cultivos, e concentra nessa localidade as maiores empresas de transformação da borracha natural. A heveicultura possui características empresariais, a melhor estrutura de produção e, normalmente, os produtores são difusores de novos padrões tecnológicos. O resultado de tais características pode ser percebido pela produção que atingiu em 2008, 40% do total da Bahia e níveis médios de produtividade superiores a 700 kg/ha o maior dentre os quatro polos (Tabelas 1 e 2), mesmo assim o crescimento da produção é de pouco mais de 5% a.a.

Normalmente, a produtividade tende a se expandir nas grandes e médias propriedades, cuja escala de produção se adéqua às características de cultura permanente, exigente de grandes inversões de capital, normalmente difíceis para pequenos produtores.

Percebe-se que relevantes transformações ocorreram na dinâmica produtiva de borracha na região de Ituberá na década de 1990, pois anteriormente predominavam unidades de produção capitalistas vinculadas diretamente à indústria de beneficiamento, no entanto, a partir de então uma grande empresa local produtora de látex coagulado e que atua no processo de beneficiamento passou a operar exclusivamente no beneficiamento e suas áreas produtivas foram particionadas entre pequenos e médios produtores, cabendo a ela a assistência técnica e a compra de todo o látex desses produtores, estabelecendo assim um sistema de parceria.

O Polo Centro-Ilhéus, também possui seringais mais antigos e respondeu por 10% em 2008, com produtividade média de 396 kg/ha (Tabelas 1 e 2). Esta é uma região em que predomina a cacaueira, e a seringueira é cultivada espacialmente dispersa e, de modo geral, consorciada com cacaueiro.

O Polo Porto Seguro, que abrange a Região Extremo Sul do Estado, é o mais novo, com uma produção que vem representando nos últimos anos um percentual ao redor de 6% do total do Estado. Por se tratar de plantios mais recentes e sob novas técnicas e manejo, com material genético melhorado, mais resistente à incidência de doenças e pragas vêm resultando em maiores taxas de crescimento da produção, aproximadamente 41% a.a. e níveis de produtividade em torno de 471 kg/ha.

Essas características regionais exercem forte influência na estrutura de comercialização do produto e, consequentemente, nos preços recebidos pelos produtores, pois os de pequeno porte normalmente vendem seu produto com pouco valor adicionado às empresas de beneficiamento que destinam sua produção às indústrias que são aquelas que agregam maior valor e, consequentemente obtêm maior lucratividade na cadeia produtiva.

Estrutura e canais de comercialização da borracha natural

O mercado da seringueira na Bahia se caracteriza

por uma estrutura oligopsonista, com uma quantidade relativamente grande de produtores de látex coagulado, poucos agentes de intermediação e duas indústrias de beneficiamento que absorvem a maior parte da produção estadual.

Assim, o fluxo de comercialização é caracterizado por três elos distintos (Figura 4). O primeiro, representado pelos produtores de látex composto por pequenos, médios e grande porte. Os pequenos podem ser assentados, parceiros ou ainda produtores “independentes”. Estes produtores diversificam suas atividades agrícolas com cultivos de subsistência e árvores frutíferas, consorciadas ou não com seringueira. As cooperativas e os agentes de intermediação constituem-se nos principais elos da comercialização desses produtores.

Em função da escala de produção dos médios e grandes produtores, a comercialização do látex coagulado é feita, principalmente, com a indústria, reduzindo o grau de intermediação nesse mercado e influenciando diretamente nos preços recebidos por esses produtores e, consequentemente no tipo de manejo empregado comparativamente àqueles de menor porte.

O segundo elo dos canais de comercialização é representado pelas cooperativas, agentes de intermediação e indústrias de beneficiamento, e que podem ser pequenos, médios ou grandes, que em geral estabelecem um sistema de cooperação entre si, fortalecendo o poder de mercado desses intermediários.

Os grandes intermediários possuem “colaboradores”, representados pelos intermediários de pequeno e médio

porte. A função desses agentes é facilitar a comercialização da produção dispersa espacialmente. Em geral, esses agentes compram o látex diretamente das unidades de produção, transportam para as unidades de armazenamento, denominadas de galpões, até serem escoadas para as indústrias de beneficiamento. Essa última etapa é realizada pelos intermediários de grande porte, menos numerosos que os “colaboradores”. Além dos agentes locais, há intermediários de outros Estados. A presença desses intermediários acaba influenciando o preço do látex em nível de produtor, pois em geral eles pagam preços superiores àqueles praticados pelos agentes locais. Normalmente isso ocorre quando há um déficit de oferta nos mercados do sudeste para abastecer a indústria nacional.

As cooperativas exercem papel importante na comercialização do coágulo, pois vendem o látex para outros intermediários ou para as indústrias de beneficiamento. Observou-se que aos produtores cooperados é imposta a intermediação do látex via sistema cooperativo.

As indústrias de beneficiamento compram coágulos da Bahia e de outros Estados diretamente dos produtores ou através de intermediários. Inicialmente, o látex coagulado, proveniente das unidades de produção, passa por um processo de triagem a fim de detectar impurezas, em seguida é submetido a processos de lavagens e cortes. Esses procedimentos objetivam produzir um produto de melhor qualidade e de maior aceitabilidade na indústria de sub-produtos da borracha natural. Posteriormente, o látex é colocado em formas metálicas. Após esse procedimento o produto é secado e prensado sob a forma de fardos de 35 kg e, embalado, sendo comercializado sob a forma de granulado escuro brasileiro (GEB). Em geral, o mercado destino é a indústria de pneumática instalada nos municípios de Feira de Santana e Camaçari na Bahia e outras localizadas no sudeste do país.

O terceiro elo é representado pelo mercado externo e as indústrias de sub-produtos. Nesse elo quem atua é a indústria de beneficiamento, pois o produto que é comercializado é o GEB. Além das indústrias pneumáticas, o GEB abastece a indústria hospitalar e farmacêutica, indústria de brinquedos, automobilística, têxtil, etc.

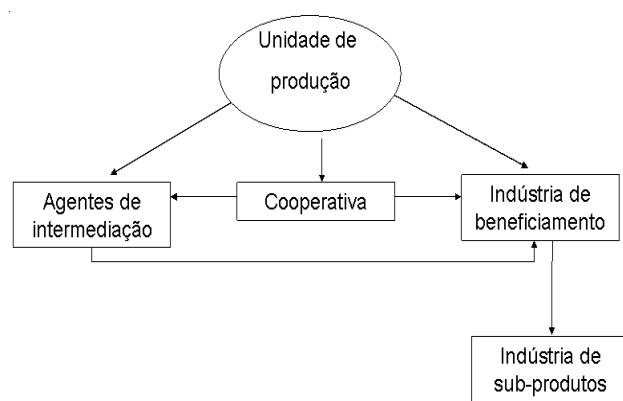


Figura 4 - Canais de comercialização da borracha natural no Estado da Bahia, 2008.

Conclusão

Os canais de comercialização da borracha estão diretamente relacionados ao perfil das unidades de produção. Em geral essas unidades são constituídas de pequenos produtores que possuem forte dependência aos agentes de comercialização. Os agentes de intermediação desempenham papel relevante na formação do preço.

Uma das características predominantes no mercado de borracha natural da Bahia é o forte poder de mercado exercido pela indústria pneumática sobre as usinas de beneficiamento, o que interfere nos outros elos dos mercados e nos mecanismos de formação dos preços pagos nos diversos elos da cadeia produtiva.

A indústria de beneficiamento também exerce forte pressão sobre os preços pagos aos heveicultores, pois a concentração desse mercado cria dependência dos produtores quanto ao escoamento do látex, pois estão dispersos regionalmente e, characteristicamente em expressivo número de pequenos e médios produtores. Diante dessa estrutura de comercialização esse mercado apresenta-se como oligopsonico.

Percebem-se ao longo do tempo que ocorreram importantes transformações nas regiões, pois o cacau predominava como principal fonte de divisas na maioria dos municípios produtores de borracha, e com a crise cacaueira tiveram que se adaptar a uma nova dinâmica do mercado, especialmente quanto ao sistema de gerenciamento das unidades de produção que passaram a incorporar o sistema de parceria. A adoção desse tipo de sistema decorreu, também, como mecanismo de redução dos custos com mão-de-obra resultante das obrigações trabalhistas do assalariamento convencional e da contínua queda de preço no mercado. Assim, os proprietários de terra com seringais passaram a empregar essas estratégias como forma de compensar os aumentos de custos e reduções nas receitas.

Sob perspectivas de desenvolvimento em nível regional, novos cenários devem se instalar, especialmente nas áreas mais recentes com melhores condições de propiciar maiores produtividades. No entanto, a expansão da área produtora na região sul e extremo-sul pode ter algumas limitações, dada sua localização geográfica, resquícios da Mata Atlântica, e muitas delas encontram-se nas denominadas Áreas de Preservação Ambiental (APA). Por outro lado, em áreas devastadas a implantação de cultivos de borracha

pode ser considerada um relativo alento, em função da sua adaptabilidade sob tais condições.

O sistema de parceria vem sendo adotado em várias atividades agrícolas na região (atividade cacaueira, pesca, pupunha, etc.) como tentativa de reduzir custos produtivos. Ressalte-se que na maioria dos casos esse sistema vem sendo empregado informalmente.

Literatura Citada

- BAHIA ÁLCOOL EMPRENDIMENTOS ENERGÉTICOS E AGROINDUSTRIAS S.A.1982. Borracha natural na Bahia; situação atual e perspectivas. Salvador. 130p.
- BRANDT, S.A. 1980. Comercialização agrícola. Piracicaba, Livroceres. 195p.
- DEAN, W. 1989. A luta pela borracha no Brasil. São Paulo, Nobel. 286 p.
- GONÇALVES, P. de S.; PAIVA, J. R. de; SOUZA, R. A. de. 1983. Retrospectiva e atualidade do melhoramento genético da seringueira (*Hevea spp.*) no Brasil e em países asiáticos. Manaus, EMBRAPA-CNPSD. 69p.
- HOFFMAN, R. et al. 1987. Administração da empresa agrícola. 5^a ed. São Paulo, Pioneira.325p.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Banco de Dados Agregados. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela>> Acesso em: 20 jun. 2008.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA AGRICULTURA E ALIMENTAÇÃO (FAO). Disponível em:<http://www.fao.org>,acesso em 21 jun.2008.
- PINTO, N. P. A. 1984. Política da borracha no Brasil: a falência da borracha vegetal. São Paulo, HUCITEC. 168 p.
- PROGRAMA REGIONAL DE PESQUISA DA SERINGUEIRA.1988. Ilhéus, BA, CEPLAC/CEPEC. 31 p. (mimeografado).
- ROSADO, P. L. et al. 2006. A borracha natural: mercado externo e interno. In: Alvarenga et al. orgs. Seringueira: aspectos econômicos sociais e perspectivas para o seu fortalecimento. Viçosa, MG, EPAMIC/EMBRAPA. pp.49-72.
- VEIGA,E. 1960. A seringueira na Bahia; alguns aspectos técnicos-econômicos. Salvador,CPE. 126p. ●